

Crise do capital, lutas sociais e políticas públicas*

de Joana A. Coutinho e Josefa Batista Lopes (orgs.)

Crise do capital, movimentos sociais e política pública

Crisis of capital, social movements and public policy

por Rogata Soares Del Gaudio**

Hoje, o comunismo não é o nome da solução, mas o nome do problema: o problema do que é comum em todas as suas dimensões - o comum da natureza como substância de vida, o comum da biogenética, o comum cultural (“propriedade intelectual”) e, por último, mas nem por isso menos importante, o problema imediato do comum como espaço universal de humanidade, do qual ninguém deveria ser excluído. (Žižek, 2011: 14).

Início essa resenha com o comentário de Slavoj Žižek, presente num livro lançado no Brasil em 2011 e que tem por título sugestiva frase de Marx: *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Neste livro, Žižek (2011) aponta para as necessidades de se contrapor a certos “discursos dominantes”, bem como a certas aparentes “impossibilidades” do contexto atual. E indica a necessidade de se pensar no que seria o “comum” a todos nós, qualquer que seja o campo em que situemos nossas questões.

O livro organizado pelas também autoras Joana Coutinho e Josefa Batista Lopes discute e se contrapõe a essas aparentes “impossibilidades”, procurando evidenciar as possibilidades, impasses, limites e contradições para as lutas sociais contemporâneas, para além do mero conformismo ou inação. Se há uma

*São Paulo: Xamã, 2012.

** Doutora em Educação; professora do Coltec/UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFMG), Belo Horizonte-MG, Brasil. End. eletrônico: rogatasoares@gmail.com

aparente vitória do neoliberalismo na produção de espaços, territórios, formas de sociabilidade, políticas, há também, muito fortemente desveladas, agudas contradições e crises do sistema, assim como formas de lutas e resistências.

A obra está organizada em quatro seções e onze capítulos. Na primeira seção, “Imperialismo e crise do capital”, os artigos escritos por James Petras, José Menezes Gomes e Michel Löwy têm por objetivos discorrer e argumentar em torno de questões como a crise do capitalismo e seus efeitos – no centro e na periferia –, o imperialismo, o desenvolvimento desigual e combinado, o papel do Estado. Esses textos, ao apresentarem tais categorias, auxiliam a problematização das análises aludidas ao longo da obra.

A segunda seção, “Políticas neoliberais de desenvolvimento”, apresenta textos que buscam analisar processos de (re)produção do espaço – Amazônico e urbano –, e uma abordagem acerca da atuação de Organizações Não-Governamentais de Desenvolvimento. O texto de Benjamin Alvino de Mesquita analisa a problemática relativa à produção do espaço amazônico, notadamente, a expansão de commodities, reconfigurando a região e (re)produzindo naquele território práticas históricas similares àquelas realizadas em outras regiões brasileiras. O artigo de Joana Aparecida Coutinho considera a ação de organizações não governamentais de desenvolvimento, que, sob o discurso e a prática de “lutar contra a pobreza”, mantém na verdade, o controle social da pobreza e dos pobres. E por fim, Frederico Lago Burnett trata do espaço urbano na contemporaneidade, com destaque para seus efeitos de maximização da riqueza e simultaneamente da pobreza em decorrência da (re)produção do espaço das chamadas “cidades globais”, que agudizam, na periferia do mundo globalizado, questões relacionadas ao (não) acesso à moradia, saneamento, em suma, afeitos à economia política, com base na obra de H. Lefebvre.

A terceira seção do livro, “Políticas sociais e universalização”, tem início com o capítulo de Bruno Lautier acerca das propostas e contradições relacionadas às políticas de proteção social, notadamente na América Latina. O autor discute os impasses e imbróglis dessas políticas cujos projetos de universalização focam práticas de mercantilização dos serviços e da proteção social. Os dois capítulos seguintes, discutem especificamente dois segmentos referentes à cidadania, direitos sociais e políticas públicas de proteção, seguridade/direitos sociais, salientando o financiamento da educação e a implantação e financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Em relação à educação e à política de financiamento e orçamento destinados ao setor, em especial ao custo-aluno, Adelaide Ferreira Coutinho apresenta o argumento de que o Estado, ao estabelecer um custo absolutamente mínimo para cada aluno da Educação Básica, gasta “de forma competente”, efetivamente

muito pouco em Educação, bem como evidencia “um movimento simultâneo de controle social e controle sobre os resultados” (p. 162). Em relação ao SUS, Katiane Ribeiro da Cruz, Liberata Campos Coimbra e Regimarina Soares Reis retomam categorias expostas no texto anterior de Lautier, ao constatar, evidenciar e analisar a contradição do sistema de saúde no Brasil, alavancada por um discurso oficial de universalização, porém, sem uma fonte de financiamento que garanta atendimento e efetiva universalidade dos serviços aos seus usuários.

A quarta seção do livro traz dois artigos que assentam suas análises nos processos de resistências e lutas, em especial, na América Latina e no Brasil. Lúcio Flávio de Almeida procura diferenciar conceitualmente ideologia nacional e nacionalismo, bem como analisa os sentidos e práticas do Estado capitalista, descortinando seus vínculos com a manutenção do *status quo* por meio da “garantia da propriedade privada, liberdade e igualdade entre os cidadãos” (p. 194), evidentemente apenas no plano jurídico-político. Analisa o processo contraditório de construção da União Europeia que, ao buscar uma unidade econômica e ideológica supranacional, agudiza internamente a tendência à xenofobia e ao racismo para, sem seguida, considerar os “novos (novíssimos?)” movimentos sociais latino-americanos, com especial ênfase nos casos brasileiro (MST), mexicano (EZLN), boliviano e equatoriano. As premissas e impasses desses “novos (novíssimos)” movimentos sociais, suas contradições e potencialidades são questionadas quanto ao seu direcionamento para o universalismo. Josefa Batista Lopes, por seu turno, avalia o ciclo de lutas e resistências ocorridas na história recente do Brasil, dividida por ela, em três períodos. O primeiro se inicia em 1978, com a greve dos operários do ABC Paulista – e se estende até aproximadamente 1988, com a promulgação da “Constituição Cidadã”; o segundo período, corresponde ao arrefecimento dos movimentos classistas e de massas que se inicia nos anos de 1990; e o terceiro e último, caracterizado pelo “encerramento do ciclo”, com a eleição do petista Luiz Inácio Lula da Silva à presidência do Brasil em 2002. No bojo dessa análise, a autora aborda a própria constituição do “maior partido de massas da América Latina”, o Partido dos Trabalhadores (PT), seus vínculos com o Partido Comunista Italiano e a obra de Gramsci. Ela pontua ainda a aproximação desse partido com aqueles que representariam interesses da burguesia, em sua “inflexão rumo ao governo federal e no exercício dele” (p. 221).

O livro organizado por Joana Aparecida Coutinho e Josefa Batista Lopes, em sua pluralidade e profundidade de abordagens contribui para a compreensão do contexto atual, em diversas escalas: mundial, latino-americana e brasileira; bem como em suas variadas “interpelações” (Pêcheux, 1996).

A tessitura da obra - e sua interface com as várias Ciências Sociais - permite articular premissas teóricas, análises específicas e avançar na compreensão dos processos atuais que constituem S(s)ujeitos (Althusser, 1996; Therborn, 1991), territórios, espaços, políticas, bem como lutas e resistências.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. In: ŽIŽEK, Slavoj. (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- PÊCHEUX, Michel (1996). O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, Slavoj. (Org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- THERBORN, Göran (1991). *La ideología del poder y el poder de la ideología*. México: Siglo Veintiuno, 3^o. ed.
- ŽIŽEK, Slavoj (2011). *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo Editorial.